

A imprensa e o Governo Lula. Um estudo da cobertura da revista *Veja* e do jornal *O Estado de S.Paulo* em 2003¹

Verónica P. Aravena Cortes - Docente da Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas – Universidade Metodista de São Paulo.²

Viviane Macedo Santa Cruz –Aluna do curso de jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo.³

Trabalho apresentado ao NP número 2 - Jornalismo

Resumo

O trabalho apresenta um estudo acerca da cobertura da revista *Veja* e do jornal *O Estado de S.Paulo* no primeiro ano do governo do PT. Aqui apresentamos uma análise de conteúdo das representações dos veículos acerca da figura do presidente Lula, dos conflitos da vida política em 2003, da política internacional do novo governo e das tensões no campo a partir do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Os meios de comunicação aqui apresentados foram escolhidos por seu caráter conservador e por seu posicionamento contra a candidatura Lula em 2002.

Palavras-chave: Mídia, governo Lula, *Veja*, *Folha de S.Paulo*, política.

Introdução

O presidente Lula inicia seu governo sob uma perspectiva histórica no Brasil. Em uma verdadeira festa nacional, Lula foi empossado em clima de “lua-de-mel” com a opinião pública e com a imprensa.

Em 2002, a candidatura petista havia sido associada ao caos. Alardeava-se que o país poderia se transformar em uma nova Argentina ou Colômbia. Temendo um calote no pagamento da dívida externa, os especuladores alardeavam que a eleição de Lula ocasionaria um desgoverno, a situação encampava este discurso. O PT respondeu com a idéia da esperança associada à mudança.

As primeiras ações do governo Lula deram continuidade a uma política macroeconômica de juros altos e da obtenção de superávit primário para pagamento da dívida externa. As primeiras ações causaram uma certa frustração nas expectativas de mudanças que vigoravam durante a eleição de Lula para a presidência. O governo do PT se defendeu das acusações lembrando que na “Carta ao Povo Brasileiro”, divulgada em junho de 2002, o então candidato se comprometia a respeitar contratos e a zelar pelo equilíbrio macroeconômico,

¹ Esta pesquisa faz parte da linha de pesquisa “Mídia, espaço público e democracia” e conta com um Auxílio à Pesquisa da FAPESP. No presente trabalho apresentamos resultados parciais de um estudo de emissão realizado com quatro veículos em 2003. Os outros dois analisados foram a *Folha de S.Paulo* e o *Diário do Grande ABC*.

² A autora é formada em jornalismo pela Cásper Líbero e em Filosofia pela FFLCH-USP e doutora em Sociologia pela USP. Professora titular da Universidade Metodista de São, onde coordena a linha de pesquisa Mídia, Espaço Público e Democracia. veronicapac@ig.com.br

³ Para a realização desta pesquisa, a aluna contou com uma bolsa do programa PIBIC do CNPq. vivi_metodista@ig.com.br

afastando a suspeita de que sua vitória pudesse redundar em revoluções ou até mesmo em mera hostilidade ao mercado financeiro.

Durante tanto tempo na oposição, o Partido dos Trabalhadores construiu uma história de combate intransigente e cobranças por ações e posturas éticas. No poder, tem sido alvo de críticas ao abandonar sua coerência em nome da governabilidade.

No primeiro ano de governo, quem roubou a cena de Lula não foram os opositores, mas os integrantes do próprio partido do governo. Chamados de “radicais”, os membros que defendem à risca princípios constituídos durante a fundação e a trajetória do PT, entram em confronto com o novo governo. Os conflitos começam com a indicação de José Sarney (PFL) para a presidência do Congresso.

Desde o início do governo Lula, há uma determinação para que a mídia não se aproxime muito do presidente: o presidente não concede entrevistas à imprensa, apenas participa de matérias pré-negociadas que aparecerão, por exemplo, no Fantástico. ‘O povo pode, a imprensa não’. Após a posse, o presidente concedeu entrevista apenas à Rede Globo (Jornal Nacional e Fantástico) ao jornal Washington Post e à Revista Time.

Sem entrevistas, a imprensa passou a questionar os discursos do presidente. Neste momento, a mídia dá visibilidade aos deslizes do presidente, ao destacar falas⁴ preconceituosas, paternalistas, conservadoras e errôneas gramaticalmente: “Eu digo que política não tem segredo, se há uma coisa que ninguém precisa ter é diploma universitário para conhecer política” (in Folha de S.Paulo, 14/06).

Neste artigo discutiremos a cobertura do acontecer político em 2003 de dois veículos, a revista *Veja* e o jornal o Estado de S. Paulo, entre os meses de junho e novembro. Na *Veja*, analisamos todas as capas do período e a editoria de política nacional de dois exemplares por mês. Do *Estado*, acompanhamos todas as capas e o caderno de política, durante a segunda semana do mês. Nesta pesquisa buscamos analisar como os meios apresentaram o primeiro ano do governo petista, desta forma, destacamos como categorias a representação do presidente Lula, o governo PT e bem como as representações acerca do Movimento dos Sem Terra.

1. A Cobertura da *Veja*

Logo após a vitória eleitoral Lula foi insistentemente cobrado: propostas sociais, definição do ministério, entre outros. Em 2003, as tensões e as cobranças permaneceram, pois Lula foi eleito por catalisar o desejo de mudança da população, porém, desde a campanha, ele

⁴ In Folha de S.Paulo, Primeiro Caderno, p. A-8, 29/06/03.

se comprometeu a cumprir os acordos com instituições financeiras internacionais. Diferente das expectativas, não se observaram grandes mudanças na política econômica nem na forma de conduzir os negócios públicos, a crítica ao PT não foi por uma ruptura, mas por uma continuidade com as diretrizes de seu antecessor. Crítica que não ecoou na *Veja*.

As maiores tensões estiveram no interior do PT, que para muitos teve “crise de identidade” ao chegar à Presidência, pois não sabia ser governo. Não houve as receadas crises com o setor industrial ou financeiro. A revista destaca um setor em crise, ou talvez, melhor seria, um problema: o MST.

Em 2003, o novo governo inaugurou sua gestão prometendo fazer reformas em diversos setores para modernizar o país. As instituições protestaram, entre elas, o judiciário, no entanto, apenas a Reforma da Previdência Social e Tributária foram lançadas.

Ao falar sobre o Brasil, o principal tema da revista *Veja* é o governo federal. Há matérias em todas os números, seja sobre o presidente Lula, o PT, questões de governo, política nacional e as relações internacionais sob o governo do PT.

Na política nacional um grande assunto ao longo do ano são as reformas da previdência e tributária que foram enviadas ao Congresso, mas os temas são mencionados apenas em duas oportunidades, maior exposição ganha o MST. A partir de julho começa-se a noticiar a estagnação econômica do país, mas o veículo não cansa de repetir: os fundamentos da política econômica estão corretos.

1.1 Lula

A *Veja* dá grande cobertura a Luis Inácio Lula da Silva à frente da Presidência da República, já as ações de governo são creditadas ao PT e aos ministros Antonio Palocci, da Fazenda, e José Dirceu, da Casa Civil. Poucas são as matérias de Lula como chefe de governo, suas viagens ganham manchetes, é notícia como ele é recebido nos salões do primeiro mundo e a nova agenda do Itamaraty que passa a incluir o terceiro mundo.

“Sem medo de ser feliz na cadeira de presidente” e “Muito à vontade no cargo” (04.06) é a forma que a revista retrata Lula na presidência. Parece haver uma certa surpresa com a atitude “à vontade” do ex-operário ocupando o principal posto do país.

Lula é um presidente que gosta da palavra, fala de improviso a multidões ou em cerimônias oficiais, num estilo muito pessoal. Sua linguagem é simples, tal como suas metáforas que aproximam o ato de governar ao futebol ou com a condução de uma família, fato que causou desconcerto. A mídia estampou em inúmeras manchetes seus tropeços na oralidade. Em julho, a revista pergunta “Por que os discursos de Lula causam tanta polêmica”

e responde, “Ao acrescentar partes improvisadas a seus discursos, Lula acerta o coração do eleitor, mas deixa patente o descompasso entre o que diz e o que seu governo faz.” (09.07) A revista destaca em balões, tal como as revistas infantis, suas palavras:

“Não tem chuva, não tem geada, não tem cara feia, não tem um Congresso Nacional, nem Poder Judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque.” (Proferido) Na Confederação Nacional da Indústria, no dia 24 de junho, ao se colocar equivocadamente, acima dos demais poderes da República.

“O Brasil estava quebrado e alguém vai ter de salvar este país”(17.06)

“Eu olho para vocês e me vejo olhando para os meus filhos. Prefiro dizer uma verdade dura para o meu povo a mentir descaradamente.” (17.06)

Em agosto, Lula concede a primeira entrevista à *Veja* que estampa sua foto na capa. Nas páginas internas, a entrevista de oito páginas recebeu o título, “Fim do começo” (20.08), nela o presidente declarava: “Estou jogando minha história neste mandato”. A revista observou que

Lula esteve de bom humor e focado nas respostas. Emocionou-se uma única vez, quando falou da vida confortável dos filhos, e lembrou-se da mãe e da infância pobre. Mostrou-se à vontade no imenso gabinete presidencial, de onde mandava chamar ministros e buscar documentos para embasar mais vivamente os pontos de vista expostos na entrevista.

Os intertítulos foram significativos “À distancia dos radicais”, “Sem ondas na economia” e “O prazer de ser presidente”. Mais uma vez a surpresa com o conforto do titular em sua cadeira e com o exercício de sua autoridade e se noticia o prazer, ou seja, a possibilidade de desfrutar a posição. Parece indicar o prazer de um estranho no clube.

Nos primeiros meses do novo governo, certas medidas adotadas causaram certo estupor e acaloradas discussões entre políticos, intelectuais e empresários de dentro e fora do governo e do PT, do vice-presidente José Alencar, entre outros. A controvérsia girava em torno ao aumento do superávit primário para o pagamento ao FMI e à elevação da taxa de juros. O veículo aponta que “O governo Lula disse a que viria. Na carta ao Povo Brasileiro, lançada doze meses atrás, o PT descrevia o que seria sua gestão, e as promessas estão sendo respeitadas – o que só não vê quem não quer” (26.06). A *Veja* parece rebater as críticas em circulação, para tal destaca um trecho da carta ao Povo Brasileiro, de junho de 2002, durante a campanha eleitoral, no qual se lia, “Vamos preservar o superávit primário o quanto for necessário” e, esquematicamente, apresenta um quadro intitulado, “Promessa ao Povo”, mostrando, a “Promessa há um ano e hoje”. A referência se reduz à economia: “Trilhar o caminho da redução de nossa vulnerabilidade externa, reduzir a taxa de juros e manter a inflação sob controle”. (26.06) Três temas que estiveram no centro do debate ao longo de 2003.

Em agosto, a revista coloca que “Lula afina a orquestra” (13.08), a matéria observa que naquele momento Lula conquistara sua primeira grande vitória parlamentar, aprovando a reforma da previdência Social no Congresso Nacional.

No final do ano, surgem as primeiras críticas, a *Veja*, indica que o presidente prefere circular pelo mundo às duras e estafantes funções do Executivo, “Lula como chanceler... Dirceu como presidente” (19.11) . Colocando que “A pouco mais de um mês de completar um ano no poder, Lula ainda tem amadores na equipe e falta-lhe um projeto de governo.” Esta última era uma crítica de setores à esquerda do PT. Ao fazer a conta, mostra que o presidente passa seis dias fora de Brasília para cada quatro no Planalto. Enquanto isso, José Dirceu tem “carga pesada de poder e trabalho” e ocorrem trapalhadas, como levar “Idoso(s) na fila do INSS para mostrar que está vivo: insensatez”.

A retrospectiva 2003 dos acontecimentos do ano, publicada em dezembro, indica “O fim do sufoco. Lula, o candidato, assustava, mas o presidente Luiz Inácio manteve o país nos trilhos e o ano termina com a sensação de que o pior já passou”. (24.12) É uma avaliação bastante positiva do governo Lula.

1.2. Relações internacionais

As relações internacionais do novo governo mereceram destaque. No final de julho a primeira matéria da editoria Brasil evidencia a visão da revista sobre os novos rumos da política de relações internacionais sob o governo do PT, “O clube dos esfarrapados. Lula fascinou os europeus por sua biografia e espontaneidade, mas seu giro será lembrado pela proposta ingênua de criar um bloco dos países emergentes”. A foto fazia uma referência à divisão do mundo durante a guerra fria “Reunião dos Não-alinhados em 1973, em Argel: braço da política soviética.”(23.07) A lembrança de 1973, parece indicar o anacronismo da posição governamental. A revista diverge frontalmente quanto a política de relações internacionais do governo. As manchetes sobre as viagens são claras:

Política externa rodopiante. Viagem a países árabes, Lula se rende aos sonhos terceiro-mundistas de seus assessores. (10.12)

A turnê de Lula pelas ditaduras. A viagem do presidente não traz ganho comercial e o prejuízo político só não é maior pela irrelevância do Brasil nas questões que realmente importam no mundo árabe. (17.12)

No fim do ano a revista quantifica o número de viagens e declara Lula um “Campeão isolado”; um quadro mostra que Lula fez 18 viagens internacionais nos primeiros 13 meses de governo já o presidente anterior, Fernando Henrique, 15. (17.12)

Por outro lado, a revista destaca a popularidade de Lula no plano internacional “O presidente número 1. Com o prestígio em alta no exterior, o presidente brasileiro vira estrela de um encontro mundial de esquerda, e uma pesquisa com a elite lhe dá o título de o melhor presidente da América Latina.” Sempre se disse que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso dificilmente seria superado como estadista no cenário internacional, mas a popularidade de Lula parece superar as melhores previsões. No entanto, as diretrizes de seu governo no que se refere às relações internacionais são tidas como problemáticas, pois são ingênuas, comprometedoras ou anacrônicas.

O Acordo de Livre Comércio das Américas dominou a cobertura das relações internacionais do país na revista *Veja*. A capa de 15 de outubro, coloca que o “Brasil peita os EUA na ALCA” e pergunta: “Coragem ou estupidez?”. Na arte, há um pintinho com uma faixa escrito Brasil na cabeça enfrentando com seus punhos uma gigantesca águia. A reportagem interna apresentava os “7 perigos de dar uma banana para a ALCA”. Eram citados o isolamento, o erro de cálculo, estagnação e fechar a economia, entre outros.

Nessa edição, uma entrevista de Roberto Rodriguez, ministro da Agricultura, parece fornecer a saída: “O segredo é negociar”, mas também “é preciso ouvir o setor privado para chegar a uma Alca boa para o Brasil.”

1.3. O PT governo

A capa mais forte sobre o Partido dos Trabalhadores foi veiculada em setembro, “Brasilha da Fantasia. O PT infiltra a máquina administrativa do Estado com seus militantes e cai na velha ilusão de que, ao perseguir seus objetivos partidários, está servindo o país.” (10.09) Nas páginas internas a manchete decretava “A praga do fisiologismo”, com uma ilustração de um polvo vermelho com enormes tentáculos, com a sigla PT no centro. Para quem tinha dúvidas acerca do significado, a linha fina esclarecia, “PT abre as portas dos cargos públicos para seus militantes e aliados, partidariza a burocracia federal e instala um radical e voraz aparelhamento ideológico do Estado”. A reportagem mostra que o PT no governo repete as ações que criticou quando era oposição, não há mais ilusões, o partido é igual a todos os outros. O tema volta em outubro “Cravo e ferradura. PT tenta manter sua aparente pureza partidária na cúpula, mas escancara as comportas da base.” (22.10)

O PT busca em tudo colocar a sua marca, não aproveitando experiências anteriores. “Vem aí mais um nome. Depois do Fome Zero, o PT lança o Bolsa-Família e repete a tradição de ir criando sempre novos programas sociais sem aproveitar o que já vinha sendo feito.” (22.10)

Os ministros mais citados são Antonio Palocci e José Dirceu, o primeiro por conduzir a economia do país, tendo a chave do cofre, ganha uma capa, e o segundo por conduzir os assuntos de governo. Benedita da Silva aparece em três reportagens, mas nenhuma de forma positiva:

Palocci sobreviveu ao plano B (Capa da edição de 24.09)

Palocci enquadra a turma (22.10)

Pegou mal: Benedita é convidada a repor o dinheiro de viagem (22.10)

A reportagem da qual o ministro Palocci é capa enumera as pressões sofridas pela área. No interior se apresenta que “O ministro da Fazenda enfrentou combates internos devastadores no governo enquanto sua política econômica não dava resultados e chegou a entregar o cargo. Lula decidiu bancar a aposta. Os bons resultados estão aí.” (24.09) É a vitória da continuidade da política econômica, mesmo que seja contra as expectativas de alguns setores produtivos, como a indústria e da população que votou pela mudança e que amargou o desemprego.

Um tema muito presente na mídia diária, mas quase ausente na revista são as polêmicas com os membros denominados radicais do PT. Radicais, porque se recusaram a votar segundo as novas indicações do PT no governo, todas contrárias às determinações históricas do partido. Uma das raras menções, é uma foto “De novo. Numa cena cada vez mais comum, os radicais do PT protestam contra Lula.” (10.09) A senadora Heloisa Helena e 3 deputados recusaram-se a votar favoráveis à reforma da Previdência proposta pelo governo no Congresso. A divergência acarretou na expulsão dos correligionários. “É por isso que o PT não é o PMDB. O partido acerta ao planejar a expulsão dos radicais – não porque são radicais, mas indisciplinados.” (10.12)

Além do fisiologismo, anteriormente citado, outra crítica é ao grande quadro ministerial, por vezes, perdulário e ineficiente, como o Ministro da Segurança Alimentar, responsável pelo Programa Fome Zero, grande vitrine do governo que gastou mais em burocracia do que em cestas básicas. Neste primeiro ano, existem críticas ao governo, no entanto, regra geral, não são creditadas ao presidente Lula, mas ao PT. O partido pela primeira vez está à frente do governo federal, mas as práticas são as mesmas de sempre. Acabaram-se as ilusões.

1.4. MST

O movimento social mais presente na *Veja* é o MST. Nas 29 edições estudadas, um de seus dirigentes recebeu uma capa e uma fala de outro angariou uma menção (tarja no alto) na capa; ao todo foram cinco matérias e menções em outras duas no período.

Na capa de 18 junho, estampou-se a ameaça “A esquerda delirante. Para salvar os miseráveis dos desconfortos do capitalismo, o líder José Rainha ameaça criar no interior de São Paulo um acampamento gigantesco como o de Canudos, instalado há um século por Antonio Conselheiro no sertão da Bahia...” Na foto aparecia José Rainha em close. Internamente a reportagem especial recebeu o título, “O beato Rainha”, um quadro apresentava os problemas do dirigente na justiça: os processos por formação de quadrilha e acusação de co-autoria em 2 homicídios em 1989. Observava-se que sua “Biografia atribulada ajuda a alimentar a aura de herói” e se destacavam certas falas polêmicas:

“O Capitalismo é desumano porque onde existe o lucro prolifera a injustiça. Por isso, continuo acreditando firmemente numa sociedade socialista”

“O Estado deve estar a serviço da classe que produz e trabalha numa sociedade em que não haja espaço para o surgimento de explorados nem de exploradores”

A matéria registra o acampamento de Presidente Epitáfio, no oeste paulista, “nova Canudos”. A revista recupera algumas ações polêmicas do MST, como a entrada dos integrantes na fazenda dos filhos de FHC, caracterizado como um “Deboche à República”. Para a revista o grupo não respeita invadem propriedades privadas. Em outra reportagem na semana seguinte, o veículo resume a avaliação do MST “sem terra em ação: invasões, saques, cárcere privado e depredação em nome do social” (09.07) Ou seja, o grupo representa a barbárie em nossa sociedade. Há um único atenuante, “eles se dizem cansados de esperar pelas medidas do governo em Brasília” (02.07) O grupo representa perigo, pois seus interesses não são apenas materiais, “a meta não é só a terra, mas a utopia socialista”. (02.07)

Em junho, o presidente recebe uma delegação do MST no Palácio do Planalto e causa polêmica ao usar o Boné do grupo. A *Veja* aponta que isto “é apenas um detalhe. O importante é o governo Lula tirar da cabeça a idéia de que pode negociar com os líderes do MST” (09.07). A legenda coloca que os sem terra no Planalto: “recebem tratamento vip”

Em junho, outra matéria contundente contra o MST: “Stédile declara guerra. Diante de um pôster de Che Guevara, o chefão do MST convoca seu “Exército” para “acabar” com os “latifundiários””. (30.07) Destaca-se uma fala do líder durante um discurso naquela semana:

A luta camponesa abriga hoje 23 milhões de pessoas. Do outro lado há 27000 fazendeiros. Essa é a disputa. Será que 1000 perdem para um? O que nos falta é unirmos. Para cada 1000 pegaremos um. Não vamos dormir até acabarmos com eles.” João Pedro Stédile, em discurso no Rio grande do Sul.

A revista coloca que o problema não se restringe ao campo, pois hoje temos “Medo de invasão também nas cidades”, apresentando “O acampamento dos sem-teto no ABC: inspiração vem do MST”.

De acordo com o veículo, há setores no Brasil que representam um problema e outros, uma solução, “O Brasil da solução ... e o Brasil do problema. Enquanto o agronegócio distribui riqueza, o MST defende a distribuição da miséria.”

O MST é associado a Fidel e ao Che Guevara, dois líderes da esquerda que não fazem parte dos ideais do mundo moderno. Para a revista as idéias do MST são um atraso. Produzir para exportar é visto como solução.

2. O Estado de S. Paulo

Era uma incógnita a cobertura d’*O Estado de S. Paulo* do primeiro ano do PT. Este tradicional jornal, ao longo da história democrática recente do Brasil, mostrou-se simpatizante dos candidatos do *establishment*. Em 2002, o *Estado* chegou a manifestar claramente seu apoio ao candidato José Serra em seus editoriais.

2.1. Lula

Embora Lula tenha passado por muitas mudanças para conseguir se eleger presidente, desde a forma de se vestir até no conteúdo, uma de suas principais marcas é a simplicidade, o agir como um homem comum, sem muita pompa ou protocolo. Por isso, atividades simples e corriqueiras em outros tempos como jogar futebol e comer churrasco tornaram-se notícia nas páginas do *Estado*: “Lula reúne ministros para churrasco solidário e pelada - Encontro também serviu para comemorar resultado da votação da reforma da Previdência” (10/8).

O jornal apresenta a popularidade do presidente-companheiro: “Caixa de correspondência de Lula bate recorde. Em maio foram 10.415 cartas, entre pedidos, presentes e receitas para curar bursite” (10/6).

No entanto, a cobertura da primeira comemoração do Dia da Independência do PT na presidência mostra um presidente distante: “Lula longe do povo no 7 de setembro” (8/9). Nas manchetes consta que Lula se afastou da população durante a celebração pátria, ao contrário do que aconteceu na festa da posse. Isso pode representar que desde que se tornou presidente, tem tomado medidas diferentes que o distanciam do povo, por isso, agora precisa aumentar a segurança.

2.2 Lula e a política internacional

Em seu primeiro ano de governo, o PT mudou o foco da política externa. Procurou-se transformar o Brasil em uma espécie de líder na América do Sul (“Lula fica em 6º em ranking de presidentes da AL”, 8/10) e articular um elo entre os países subdesenvolvidos do mundo. Buscando formar um grupo de países “emergentes” com interesses comuns como

maior participação e poder nos órgãos internacionais como o Conselho de Segurança da ONU e da OMC e conseguir o fim ou a diminuição do protecionismo e dos subsídios agrícolas dos países mais ricos, pois é algo que compromete as economias das nações pobres. Para isso, Lula propôs a formação do “G-20”, um grupo que seria composto por países em desenvolvimento como Argentina, Chile, Colômbia, México, entre outros no continente americano, China, Egito, Índia, África do Sul e outras nações com grande potencial no mundo.

Além da América do Sul e das grandes potências, como os EUA, o presidente também visitou países da África e do Oriente Médio. Contudo, algumas dessas viagens ficaram mais conhecidas pelas gafes do presidente do que pelo seu objetivo. Foi o que aconteceu na ida do presidente Lula à Namíbia, na África. Em um discurso improvisado, ele comentou que o país era bastante limpo e nem parecia ser um país africano.

“Lula diz que só disse 'o óbvio' na África” – 9/11.

“Na simplicidade, a força e a fraqueza de Lula - A comunicação fácil, que o faz dizer o que não convém, foi o que cativou os africanos” – 9/11

Nenhum dos títulos que se referem à viagem para a África, durante o período analisado, explora o que foi discutido entre os chefes de Estado, ou qual a importância da visita. O último título reflete o pensamento do jornal de que as falas espontâneas, sem prévio estudo, a linguagem simples e de fácil entendimento utilizada por Lula, se por um lado facilita a comunicação com o povo, por outro lado, pode gerar mal-entendidos, inconvenientes e embaraços na hora de representar o Brasil no exterior ou na relação com representantes e líderes internacionais (“Estilo informal provoca atritos e dores de cabeça”, 6/7).

De acordo com *O Estado*, Lula fez 51 viagens nacionais e 20 internacionais, contabilizando 68 dias no exterior em 2003. No dia 6 de junho, o assunto ganhou a primeira página (“Em número de viagens, Lula já ganha de FHC” – 8/6) e dentro do caderno um título e subtítulo mais detalhado (“55 mil km e 6 países: Lula bate recorde de FHC – Grande crítico das viagens internacionais do antecessor, petista circulou mais em 5 meses” - 8/6). Percebe-se que *O Estado*, faz uma crítica à quantidade de viagens de Lula:

No plano internacional, Lula tem sido bem recebido. Foi elogiado por líderes mundiais e ganhou espaço na mídia internacional para expor suas idéias. Publicações internacionais, como a revista britânica “The Economist”, viram a vitória de um ex-metalúrgico para presidente da República como uma vitória da democracia. Parte desta aceitação das elites internacionais se deu porque a questão social, considerada uma prioridade na campanha do

PT, foi proposta sem que isso significasse uma mudança na política econômica vigente ou rompimentos com instituições financeiras internacionais.

A relação com os Estados Unidos esteve em pauta especialmente por causa da negociação da Área de Livre Comércio entre as Américas, um tema muito importante para a economia brasileira, pois coloca em jogo a competitividade da economia nacional sobretudo, frente a norte-americana.

O Brasil é a terceira maior economia e segunda maior população de toda a América e não tem como fugir da Alca, pois corre o risco de ser isolado. Mas, no país, a Alca encontra resistência por parte dos mais diferentes setores da sociedade (“Igreja, CUT e MST reúnemromeiros contra Alca - Grupo que está marchando desde domingo chega hoje a Aparecida para manifestação que também vai cobrar mais atenção de Lula para área social” – 7/9). Grupos sociais como O MST e a CUT são contrários à Alca, pois defendem que o acordo de abertura do mercado brasileiro colocaria o Brasil em posição de desvantagem na competição comercial com os Estados Unidos e geraria desemprego, com a entrada de produtos norte-americanos e um preço menor.

A diversidade de opiniões esteve presente também no próprio ministério (“Alca: Lula chama ministros para afinar discurso” – 9/10). Os ministérios da Agricultura, do Desenvolvimento e da Indústria e Comércio Exterior defendiam que a Alca é apenas um acordo comercial e, como tal, deve ser negociado. Por outro lado, o ministério das Relações Exteriores coloca que as questões políticas e sociais devem ser levadas em consideração.

2.4. Política Econômica

A relação amistosa com o Fundo Monetário Internacional no primeiro ano do governo petista não poderia ser prevista há alguns anos atrás, pois o PT, durante sua trajetória na oposição, pregou a ruptura e o não-pagamento da dívida externa, alegando que o dinheiro deveria ser empregado no Brasil, beneficiando o povo brasileiro. Contudo, o governo fechou um novo empréstimo de 14 bilhões de dólares em dezembro de 2003 (“Brasil pode fazer acordo preventivo com o FMI - Com essa alternativa, os recursos ficariam disponíveis para caso de necessidade” – 14/9). Percebeu-se que *O Estado* considera a instituição financeira um ator bastante importante, pois através da análise quantitativa, foi possível constatar que das 9 vezes em que o FMI é citado, 8 são na primeira página.

No período um problema grave foi a estagnação da economia e a diminuição das ofertas de emprego. Segundo dados do IBGE, o ano de 2003 terminou com uma taxa de desemprego de 12,2%% nas principais capitais brasileiras. A renda média da população caiu

13%, ou seja, as prioridades do governo passaram longe da retomada do emprego e da renda prometida em campanha. A mudança de governo, realmente não refletiu uma mudança das diretrizes econômicas neoliberais tão criticadas pelo PT.

O médico Antonio Palocci foi escolhido para comandar o ministério da Fazenda, um desafio perante o risco do aumento da inflação, o crescente desemprego e a desconfiança dos setores financeiros. Mas o ministro da Fazenda consolidou-se no governo como um dos homens fortes e esteve em evidência n' *O Estado*, com 29 aparições no período, 8 na primeira página.

Palocci desenvolveu uma política econômica dura para os setores produtivos, baseada no controle dos gastos públicos e na manutenção dos altos impostos para conseguir equilibrar as contas do governo e para atender às metas do mercado e do FMI. Essa posição gerou elogios por parte do FMI e dos setores hegemônicos, principalmente os ligados ao mercado financeiro, mas gerou críticas no interior do governo: “Governo não abre mão da CPMF, diz Palocci ” – (12/8). Palocci foi alvo de críticas por causa da adoção de uma política tão conservadora. Circularam histórias de que o ministro seria demitido, mas Lula manteve seu apoio à política econômica.

2.5. O Partido dos Trabalhadores

A subida da rampa do Planalto gerou uma crise de identidade no PT. Embora tenha enfatizado durante a campanha que faria um mandato sem continuísmo, ao virar governo, o partido disse não almejar o socialismo, diferentemente do que se apresentava nos manifestos petistas dos anos 80 (“Governo Lula não é transição para socialismo' - Genoino reage a crítica de economistas e diz que "governo não é de ruptura revolucionária"” – 15/6). Na mesma página em que afirma não ser um governo de ruptura ou socialista, e que fará mudanças lentas e graduais, o PT critica a ação de Fernando Henrique e promete atuar de maneira diferente do governo anterior, valorizando a estatização das empresas brasileiras, uma medida próxima dos conceitos socialistas (“Dirceu: ‘Acabou a fase das privatizações’ – Ministro critica governo FHC e diz que a venda de estatais ‘afundou o Brasil’” – 15/6”).

Durante o governo petista no plano federal, O jornal *O Estado* procura mostrar que o PT e o governo são entidades distintas, ou seja, as idéias do partido não são necessariamente as mesmas do governo:

“Aposentadoria integral divide o governo e o PT – Palocci, deputados e governadores são contra acordo que muda a reforma” – 11/6

“Gabeira sai do PT e Genoino culpa governo - Segundo ele, decisão serve de alerta para que Planalto ouça partido antes de tomar decisões” – 8/10

Houve divergências de opiniões entre os membros do partido e do governo. O partido parece ter se dividido em dois: governo e oposição. O primeiro não sabe lidar com as diferentes opiniões e cobra uma atitude coesa de seus partidários (“PT ameaça sua bancada para votar previdência - Genoio e Dirceu comunicam a senadores que não há espaço para o voto contrário” – 13/11). Neste título, o PT é retratado como um partido autoritário e repressor, que não admite atitudes diferentes das estipuladas pelos líderes do governo. A oposição dentro do próprio partido era composta por membros que se opuseram às decisões do PT no governo federal, e foram estigmatizados como “radicais”, sendo eles, a senadora Heloisa Helena e os deputados Babá, e Luciana Genro. Eles criticavam a continuidade da política econômica do governo anterior, considerada neoliberal e prejudicial para o Brasil e divergiam em relação à retomada da proposta de reforma da previdência (“Leão valente vira gatinho diante da toga’, diz Heloísa - Radicais do PT ironizam possibilidade de mudança na reforma e cobram coerência do governo” – 11/7).

Essa divergência interna foi mostrada como algo negativo dentro do partido e da administração petista. Para tentar controlar o dissenso, primeiro o partido fez ameaças de punições (“Rebeldes vão se abster de novo e PT deve punir” – 15/8), sugeriu que os membros descontentes saíssem do partido (“Presidente do PT sugere a radicais que se desfilie” – 13/8), mas acabou expulsando os dissidentes.

Das 34 menções ao Partido dos Trabalhadores, apenas 4 são na primeira página e a imagem passada pela publicação é a de um partido que tem dificuldade em lidar com a crítica e com as sucessivas crises (“Primeiras crises levam PT à beira de ataque de nervos” – 8/6), pois após vários anos como oposição, não aprendeu ainda como é ser governo, ou seja, vidraça, alvo de críticas e vigilância constate da mídia, da oposição e até mesmo de seus partidários.

2.6. MST e reforma agrária

Foi grande a importância dada à questão do campo. O tema esteve presente em todos os meses analisados. Para efeito comparativo, foram feitas 59 menções ao MST, 30 a mais do que as citações feitas ao ministro da Fazenda Antonio Palocci.

Miguel Rossetto, uma liderança do sindicato dos petroleiros, foi nomeado para ministro do Desenvolvimento Agrário, o que não agradou os ruralistas, pois imaginaram que o ministro defenderia os interesses dos sem-terra (“Rossetto é parcial, reclamam ruralistas -

Eles contestam ministro e dizem que não foram consultados sobre Plano de Reforma Agrária” – 15/11) e não tomaria medidas para inibir as ocupações do MST.

Ao longo do primeiro ano de governo, Lula não deixou clara sua posição diante do problema da reforma agrária. Tentando agradar a todos, não conseguiu satisfazer nenhum dos setores envolvidos na questão rural. Lula recebeu o MST, que não visitava o Palácio do Planalto desde 1997, e prometeu uma reforma ampla com o assentamento de 60 mil famílias, mas o Incra, até o fim do primeiro ano, completou menos da metade da meta, 25 mil assentamentos. O descontentamento do MST em relação ao governo foi evidente (“MST dá nota 2 para reforma agrária de Lula – Média é atribuída a assentamentos, que estão abaixo da meta oficial” – 12/11), inclusive porque Lula não derrubou uma medida provisória que coibia as ocupações de terra.

O setor ruralista também não poupou o governo acusando-o de defender os interesses do MST (“Para ruralista, defesa do MST ‘é barbaridade’” – 13/9).

A cobertura do *Estado* em relação ao Movimento dos Sem-Terra apresenta ações de “invasão”: “MST invade fazenda no RS pela 4ª vez” (7/10), “Fazenda em MG é invadida por sem-terra” (12/11). O verbo “invadir” é associado à violência, pois o MST é retratado como perigoso, que rouba, saqueia e não respeita o direito à propriedade, que deve ser assegurado pelo Estado. O movimento é descrito como um grupo fora-da-lei, como se o movimento popular não tivesse regras internas, organização política e seus componentes fossem bandidos, gerando desconfiança e medo na sociedade:

“Sem-terra saqueiam armazém da Conab em MT” – 17/8

“Fazendeiro acusa sem-terra de dar sumiço em 24 bois” – 12/8

“No caso do MST, ações violentas são parte do cotidiano’ - Para cientista social, objetivo do movimento é liderar 'reorganização da sociedade’” – 10/8

Neste último exemplo, mais uma vez a opinião do jornal é colocada através de um ator “competente”. O cientista social é Eliézer Rizzo de Oliveira, especializado em segurança, defesa nacional e Forças Armadas, apresenta o MST como um grupo paramilitar comparado aos que existem na Colômbia. Uma vez que a fonte da entrevista é um especialista em defesa nacional, parece-se indicar que o grupo é uma ameaça para toda a nação.

Um dos episódios envolvendo o MST que esteve bastante presente na mídia foi a prisão de José Rainha, um dos principais coordenadores do movimento sob a acusação de furto, invasão de propriedade e formação de quadrilha em Teodoro Sampaio, interior de São Paulo. Rainha foi preso em julho com outro líder do MST, Procópio dos Santos. Em setembro, sua mulher, Diolinda Alves de Souza foi condenada a dois anos e oito meses de prisão por formação de quadrilha. A acusação se baseou na participação dos dois na

montagem de um acampamento em Presidente Epitácio, no oeste paulista. José Rainha apareceu em 23 matérias no *Estado*, suas menções, porém, resumem-se na quantidade de vezes que ele foi preso e aos detalhes de sua prisão:

“Rainha é preso pela terceira vez em um ano - Juiz alega que líder tem de ficar detido até fim de processo a que responde por invasões” – 12/7

“TJ nega habeas-corpus e Rainha continua preso” – 15/8

As chamadas apenas acompanham as idas e vindas de Rainha na cadeia. Não há espaço para ele exprimir a sua versão sobre as acusações ou falar sobre as demandas do movimento. Não interessa para o jornal o que ele tem a dizer.

Considerações finais

Lula foi eleito com um discurso de mudança. Com essa vitória, a esperança de uma vida melhor se espraiou pela população. No entanto, as primeiras ações deram continuidade à política econômica neoliberal que já vinha sendo implementada pelo governo anterior. A *Veja* e o *Estado* aprovam esta continuidade, os fundamentos estão corretos colocam em suas análises.

A *Veja* se admira com o jeito à vontade de Lula na cadeira presidencial. Ambos os veículos destacam suas gafes e o afastamento entre o presidente (e o PT) e suas alas mais à esquerda do partido, ligadas a princípios, agora tidas como radicais. Já nos primeiros meses os veículos expõem que, no poder, o PT sucumbiu ao fisiologismo, tal como os outros.

A política externa no governo Lula é vista com desconfiança ou não é tratada de forma séria. A *Veja* declara que é “rodopiante”, ou seja, “sem rumos” e com projetos duvidosos. A proposta de fazer uma aliança entre países em desenvolvimento é tida como anacrônica. O *Estado* apresenta uma ampla cobertura das viagens do presidente e da política externa, como as próprias divergências no governo perante a ALCA.

O MST nos dois veículos é representado como um atraso para o país, pelo seu “desrespeito à propriedade privada”, este é acusado até de atentar contra a segurança nacional.

Eis a visão da vida política no primeiro ano do governo do PT de dois influentes meios no país. Não se pode dizer que foram opositores, mas à exceção da política econômica, não há outras convergências entre eles e o governo do PT.

Bibliografia

- RUBIM, Antonio. *Comunicação e política*. São Paulo, Hacker editores, 2000.
 ----- “Media, Política e Eleições Brasileiras de 1989 e 1994” in BRAGA, J. L.
 SADER, Emir. *A vingança da história*, São Paulo, Ed. Boitempo, 2003.